

TER MEDO E CHORAR

um conto de

Egídio Álvaro

Estava estendido na praia, deitado sobre um colchão pneumático. Tinha o corpo dorido das queimaduras do Sol, e resguardava-o com uma toalha. Usava óculos escuros para assim poder contemplar o mar e também para poder observar Paula descansadamente.

Ela procurava conchas na areia molhada, na orla do mar, tirava-lhes a areia e guardava as que mais lhe agradavam. Era muito bela, no contraluz, muito frágil, harmoniosa e pura.

Aproximava-se o fim da tarde.

Viu-a começar a correr para ele, alegre, e fechou os olhos rapidamente.

- Olha o que eu achei! - disse ela. E então viu que ele tinha os olhos fechados. Ajoelhou e debruçou-se sobre ele. Viu logo que não estava a dormir.

Fez-lhe cócegas e ele endireitou-se, tentando abraçá-la. Os óculos caíram-lhe para a ponta do nariz e ela escapou-se, rindo. Depois veio deitar-se junto dele.

- Apanhaste conchas bonitas?

- Sim. Muitas. Olha esta. Cór de rosa.

Estendeu-lhe a mão, com uma concha minúscula na palma.

- É nacarada. - disse ele.

- O quê, é com isto que fazem aqueles quadradinhos

de nácar com que enfeitam as caixas de pó de arroz?

Ele riu: - Não é bem o mesmo. Pelo menos não é com essas conchas. Dás-me um beijo?

- Os poetas arruinados não pedem beijos. - disse ela. Não tem direito algum.

- Eu não estou arruinado - respondeu - Estou apenas em crise.

- Ora, é a mesma coisa.

- Não, não é. Um poeta arruinado já não pode voltar a fazer poesia. É um homem que acreditava firmemente numa coisa que não era verdade.

- E um poeta em crise o que é? apoiando os cotovelos na areia e segurando o queixo com as mãos.

- Um homem que já não sabe em que acreditar.

- Isso é a mesma coisa. Estás apenas a baralhar as palavras. É aí isso que chamam subtilidade, não? - voltou-se para ele - Estás a aproveitar-te dos meus fracós conhecimentos. Isso não é leal.

- Não estou, Paula. Um poeta, ou um homem (é tudo o mesmo, bem vês) arruinado, encontrou a falsidade dos seus ideais e, embora reconhecendo que estava errado, continua a usar as mesmas fórmulas, como se elas fossem boas. É um trapaceiro. Um homem em crise reconhece apenas que está confuso, e que tem que se esclarecer antes de continuar.

Era um fim de tarde magnífico, com o mar imenso a cintilar como chumbo derretido, reflectido em fogo por vitrais longínquos o Sol alaranjado, e suavidade.

- Tu estás confuso? - perguntou Paula.

Ele ficou pensativo.

- Sim, estou. - anuiu, por fim.

- Mas porquê? Tu não eras assim. Punhas um entusiasmo brutal em tudo o que fazias. Multiplicavas-te.

- Era um apóstolo - disse ele - E sabes bem o que acontece aos apóstolos quando perdem a chama.

- Compreendo isso. - murmurou ela, como se falasse para si mesma - Só não compreendo é porque perdeste as tuas certezas. Continua tudo tão igual...

- Passou-se muita coisa.- disse ele - E tudo marca profundamente. Sabes, senti o derubar diário da minha fé nas coisas, no mundo, e nunca parei de me interrogar. Agora está tudo perdido.

((Pensou numa fotografia dela. Um arzinho espantado, entre as montanhas, contra os rochedos, junto à fonte. Um ar de terror, ou de surpresa, ou de receio. Mas receio de quê? Um ar desamparado. Era o que via nela : o seu ar desamparado. Nunca mais esquecera aquela fotografia)

- Talvez aquilo que tu acreditavas não fosse importante. - aventurou ela - E tu estivesses apenas demasiado apegado a coisas sem importância.

- Não, Paula, meu amor, eram coisas muito importantes, e é por isso que eu estou confuso.

- Bom - disse ela, sentando-se e roçando os joelhos com os braços - Conta-me então que coisas eram essas em que tu acreditavas.

- Não posso brincar com o que me fere. - respondeu ele.

- Mas eu não brinco. - protestou.

- Talvez. Talvez. Brincamos sempre com o que fere os outros.

- Mesmo aqueles que amamos?

- Especialmente esses.

- Juro. - disse ela.

- Bem, então dá-me um pequeno beijo. É para sarar as feridas futuras.

Tirou os óculos escuros e colocou-os. Parecia muito jovem e frágil, com eles. Deu-lhe um beijo rápido.

- Vou-te falar em poucas coisas. Duas ou três, só para tu poderes avaliar da extensão da catástrofe. É tudo muito difícil e demora dias a explicar. Às vezes demora uma vida inteira. Às vezes mesmo, nem uma vida chega para se explicar tudo.

- Já temos pouco tempo - concordou ela - aqui a

uma hora não há Sol. Mas podemos falar enquanto andamos.
 Ele assentiu.
 - Bem. Começemos pela dignidade pessoal. Eu acreditava firmemente na dignidade pessoal. Julgava que toda a gente, desde que assim quizesse, podia manter a sua dignidade através de tudo. Depois, a pouco e pouco, fui compreendendo que era impossível. Não por mim. Nunca a questão se me pôs de modo agudo. Mas pelos outros. E, quanto a mim, é também apenas uma questão de tempo. A minha hora chegará.

- Sempre pensei que a dignidade própria só se perdia em condições muito especiais. - disse ela - quero dizer, quando se renunciava a ela voluntariamente. Pensava, e ainda penso, que ninguém nos pode retirar a nossa dignidade.

Ele riu, e o riso era amargo.
 - É um novo erro. Ela desaparece diariamente, levada pelos encontrões da vida, pelas transigências necessárias, pelas oportunidades perdidas e que nós queremos desesperadamente reencontrar e não voltar a perder, pela velhice que não queremos aceitar e que nos causa horror, porque é a proximidade do fim, pela tremenda indiferença que nos cerca. A dignidade não se perde assim, de um golpe. Perde-se a iogo lento, derrete-se, amolda-se, e no fim já não é nada, e nós nem sequer pensamos nela. Se não queres reconhecer essa mutação demorada e oculta naqueles que te rodeiam, e eu sei que isso te causa medo, lê então os jornais. Aí encontrarás os casos extremos da perda de dignidade.

Paula levantou-se.

- Estou com um frio ... - disse - Vamo-nos vestir. Senti um arrepio, enquanto falavas.

- Das minhas palavras? - gracejou.

Estava séria.

- Não. Deve ser do tempo. Já estamos no fim do verão.

- Preferes que não te conte mais nada? Que te fale de outra coisa?

- Conta, pois. Afinal, que exemplos são esses que vem nos jornais?

Vestiu a saia por cima do fato de banho e ficou demasiado feminina, demasiado só, como o penacho branco de um navio que desaparece na noite.

- Olha, um de que me lembro. Até estive para fazer um poema. Mas deixei a ideia porque as primeiras linhas saíram demasiado cruéis, e eu não sou cruel. É uma história simples, banal, mas incrivelmente suja. Duas velhas criaturas, de profissões modestas, que se encontravam num quarto alugado, algumas vezes, semana após semana, e que, entretanto, continuavam a sua labuta quotidiana como se nada se estivesse a passar.

- Porque não se casavam? - perguntou ela. Estava agora completamente vestida, mas descalça.

"Assim, de pés nus" pensou ele, "parece mais ligada à natureza. Mais mulher. Tem uma outra força".

- Porque não tinham pensado nisso. Porque ela tinha uma filha a quem ocultava a sua vida dupla. Talvez porque fossem demasiado velhos. Tinham ambos mais de cinquenta anos.

- Talvez fosse por hábito. - arriscou ela.

- Era sim. Mas não o hábito que tu pensas. Quanto a mim era o hábito de viver sem dignidade.

- É só essa, a história?

- Não. Um dia a mulher deve ter reconhecido o que lhe tinha sucedido, deve ter-se encontrado subitamente perante a sua triste e turva imagem. E quiz recomeçar tudo. Quiz reencontrar a dignidade. Pelo menos, é o que eu penso.

- E ele?

- Ele não queria. Queria continuar com ela.

- Mas era velho!

- Ordenou-lhe que não a abandonasse. Ela não quiz. Cedeu uma vez ou duas, mas depois decidiu-se. Então, ele matou-a. Friamente.

- Estás pronto? - perguntou ela - São horas de irmos andando.

Ele dobrou o colchão pneumático e guardou-o no sacco. Enrolou as toalhas e guardou-as. O Sol estava rente à li-

na do mar. Não entes porque ainda não compreendes. Comgr
andar é um - Vamos, então? Por uma coisa é vive-la.

Ela caminhava adiante dele. Depois, cansada, deu-lhe
o braço. te quero perguntar é que coisas mais importantes

não tens - Não compreendi bem o que querias dizer. Porque é
que achas essa história um exemplo típico de perda de dig-
nidade?

- Bom. Porque eles viviam uma vida que não deseja-
vam e faziam coisas que não queriam fazer, embora tivessem
possibilidade de não agir assim. Porque continuavam apenas
por ser aquela a maneira mais simples. E muita gente aceita-
va conjuntamente o fardo que ambos suportavam, e voltava os
olhos para o lado. Sobretudo, nem sequer se respeitavam a si
próprios. - não é preciso, não é preciso, em conto,

- Achas que a mulher conseguiria encontrar de no-
vo a sua dignidade? Para nos dois milhares de anos, de per-
quedo vos - Isso envolve outra questão. A de saber se a digni-

dade se pode readquirir depois de se perder. A minha resposta
é: sim. É precisa, contudo, uma grande coragem. Ela tentou tê-
-la. E acabou por morrer.

Entraram no caminho do pinhal onde era mais fácil
andar. A noite caía, e os insectos e os animais nocturnos come-
çavam os seus ruídos e os seus cantos. steron ali e

- Em que mais coisas deixaste de acreditar? per-
guntou ela. não - não quero que nas contes.

Ele olhou-a. perguntou ali, espantado.

- Compreendeste bem o valor da perda de dignidade?
Olha que quando se descobre que é assim tão fácil, assim tão
comum, assim tão constante, é como um pesadelo que nos deixa
sem fôlego e aterrorizados, no meio da noite, tentando deses-
peradamente agarrar-nos a qualquer coisa familiar - fez uma
pausa - Mas quando se descobre que quase toda a gente aban-
donou coisas mais importantes, que ninguém acredita verdadei-
ramente nelas, ainda é pior. É um estilhaçar da memória. Um des-
ialecimento da vontade.

- O que tu me contaste compreendi, embora não o sin-
ta.

- Não sentes porque ainda não compreendeste. Compreender é uma luz. Compreender uma coisa é vive-la.

- Está bem. - disse ela. - Aceito o que dizes. Mas o que eu te quero perguntar é que coisas mais importantes são essas.

- Tenho receio de te vir a influenciar. - disse ele.

- Ora, não sou assim tão impressionável.

- Isso pensas tu! (E viu-a desamparada e confusa, estendendo as mãos para diante como se quizesse segurar o velho musco conhecido que desaparecia rapidamente).

- Conta, de qualquer maneira. - pediu ela - Dou-te um beijo para ganhares coragem.

- Não é preciso. Não é preciso. Eu conto.

Caminharam em silêncio durante algum tempo. Muito longe, a cidade cintilava nos seus milhares de luzes. Um pequeno vento fresco esgueirava-se entre os pinheirais.

- A coisa mais importante em que eu deixei de acreditar, mas deixei sinceramente, foi o amor. - disse, por fim.

- Chiu - fez ela, voltando-se rapidamente para ele. Não digas isso. Não digas que deixaste de acreditar no amor.

- Mas eu tenho razões. - asseverou ele.

- Não quero... - protestou ela. E a sua voz era como um gemido - Não quero que me contes.

- Porquê? - perguntou ele, espantado.

- Porque te amo. - respondeu ela.

E começou a chorar baixinho.